



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

**FRIEDRICH NIETZSCHE:
A EDUCAÇÃO COMO UM PERCURSO PARA *TORNAR-SE O QUE SE
É***

Enock da Silva Peixoto

Docente I da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro. Licenciado em Filosofia pela UNISAL (Universidade Salesiana); Licenciado em Pedagogia pela UNIRIO - Cederj (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro). Mestre em Educação pela UNIRIO. enockpeixoto@hotmail.com.

RESUMO

Neste artigo, retomarei fragmentos do texto elaborado em minha dissertação de mestrado em educação. A dissertação foi defendida em 2013 na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Elaboramos algumas breves adaptações, visando adequar às propostas do presente trabalho. Vislumbramos destacar a perspectiva sobre a educação presente na terceira fase da filosofia de Friedrich Nietzsche. Foi na primeira fase que o filósofo escrevera especificamente sobre o sistema de educação na Alemanha do seu tempo de forma mais sistemática, posteriormente, ele voltara a abordar a questão, mas trazendo um significado que extrapola os debates específicos da educação formal. Na terceira fase da filosofia nietzschiana não houve uma ocupação sistemática com as questões relacionadas à educação como ocorreu na primeira, conforme destacamos anteriormente, mas entendemos que é possível sustentar que esta preocupação permaneceu e ganhou um novo enfoque que fora pensar a educação como um problema amplo, cultural. O ato de educar está inevitavelmente ligado às questões da existência e não apenas restrito a aspectos institucionais. Abordaremos a seguir como o filósofo desenvolve o conceito de *tornar-se o que se é* como o foco primordial de sua concepção educativa. Essa expressão resume a compreensão nietzschiana sobre a educação na fase madura de sua construção filosófica. Será a partir dela que propomos uma reflexão crítica a um modo gregário de tratar a formação humana.

Palavras Chave: educação; tornar-se o que se é; transformação.



INTRODUÇÃO

O presente texto será uma breve reflexão sobre a educação na terceira¹ fase da filosofia nietzschiana que tem como prioridade a singularidade humana. Partiremos de dois momentos: abordaremos brevemente sobre a perspectiva educativa na primeira fase da filosofia de Nietzsche, para situar o leitor sobre este momento importante da construção filosófica da juventude do pensador alemão. Nesta, ele tratou de aspectos ligados à formação discente de maneira mais objetiva. No momento seguinte, versaremos sobre a educação como um processo para *tornar-se o que se é*. Analisaremos de que modo essa expressão contém aspectos que contribuem para pensarmos sobre uma formação humana que privilegia o que é mais próprio e genuíno em cada discente. Destacaremos a necessidade de refletirmos e agirmos para efetivarmos uma escola e uma sociedade que valorizem a *afirmação de si mesmo* e de que modo esta *afirmação* extrapola a esfera meramente particular de cada indivíduo, podendo servir como concepção pedagógica que atinge os demais seres humanos.

METODOLOGIA

O presente texto pretende inserir-se nos estudos sobre os Fundamentos da Educação e trata de uma revisão bibliográfica na qual utilizaremos as obras do filósofo alemão Friedrich Nietzsche como principal embasamento, sobretudo, o seu último livro, *Ecce Homo*, de 1888. Nesse, o filósofo reavalia várias de suas obras e trata de questões próximas à existência as interpretando como fundamentais para a vida, mais do que as questões meramente racionais. Na nossa visão, é possível extrair da interpretação da realidade, elaboradas pelo filósofo em questão, perspectivas educativas que podem ser resumidas na expressão *tornar-se o que se é*. Utilizaremos também outras obras de Nietzsche e de comentadores de sua filosofia que contribuirão para sustentar a importância de uma educação que privilegia a singularidade humana.

1. A perspectiva educativa na primeira fase da filosofia de Nietzsche

Mencionamos anteriormente que a filosofia nietzschiana para alguns estudiosos está dividida em três fases. Salientamos que na fase denominada “metafísica de artista”, Nietzsche

¹ Scarlett Marton está entre os comentadores que divide a obra nietzschiana em três fases: a primeira, na qual o pensamento de Nietzsche está influenciado por Wagner e Schopenhauer, sendo esta cognominada “metafísica de artista.” A segunda é denominada “científica” ou “positivista”, quando o filósofo deixa de lado a exaltação da metafísica da arte, valorizando a “gaia ciência”; e a última, após o livro *Assim Falou Zaratustra*, foi designada de “consolidação da obra” (Cf. MARTON, 1990).
(83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

assumiu um posicionamento veementemente contrário a uma educação controladora, disfarçada como propulsora da cultura, mas que na realidade, mantinha os jovens, tanto do ensino nos ginásios como na universidade, à mercê dos interesses estatais, científicos e comerciais. Entre outras análises, o filósofo criticou a tendência à ampliação máxima da cultura e a tendência ao enfraquecimento desta. Quanto à ampliação, o objetivo da educação seria conduzir o máximo de pessoas à cultura, mas com a intenção de estarem a serviço das ambições estatais. O máximo de conhecimento e cultura geraria o máximo de produção de necessidades, assim, a utilidade seria o objetivo e fim da educação (Cf. NIETZSCHE, 2003). Quanto à redução da cultura, Nietzsche aponta, por exemplo, para a cultura da especialização impulsionada pela Ciência, como o trabalho do homem erudito, o especialista que se ocupa de tal modo com uma determinada área a ponto de se despreocupar com todas as outras (NIETZSCHE, 2003).²

Nietzsche define cultura como “a unidade de estilo artístico em todas as manifestações de um povo” (NIETZSCHE, 1932, p. 6). O filósofo com esta expressão indica “o envolvimento de todos os aspectos humanos” (FREZZATTI, 2006, p. 68). A cultura, então, deve conduzir o homem à constituição de um *estilo* que abarque a multiplicidade que envolve a vida de um povo numa expressão una, sem que haja a desagregação dos comportamentos. O filósofo acentua a importância de se criar um estilo próprio e específico de cada nação. Critica, em vários momentos de sua obra, a Europa do seu tempo que, para ele, não era exemplo desta unidade de estilo, definindo-a como semibárbara, por viver uma mistura de estilos do passado e do presente (Cf. *Além de bem e do mal* § 224). Sendo assim, a unidade de estilo não oscila conforme as diversas mudanças sociais, é definida, impõe para si uma precisão própria e só pode ser conseguida por homens que ousam ir além de si mesmos. O filósofo contesta a educação do seu tempo, que visava imprimir nos indivíduos as virtudes do rebanho: “quem aspira e quer promover a cultura de um povo deve aspirar a promover esta unidade suprema e trabalhar conjuntamente na aniquilação deste modelo moderno de formação.” (NIETZSCHE, 2003, p. 43). A crítica se dirige contra um tipo de vida igualitário, que por força das ideias coletivistas, enfraquece o que é próprio tanto de uma nação, como dos homens particularmente. “O filósofo questiona a compreensão distorcida de cultura que domina na modernidade que, com a sua tendência à generalização, à abstração, à dependência do mercado onipotente, aniquila a singularidade de cada grupo, de cada nação, de cada povo.” (VIEIRA, 2011, p. 38).

² Para um estudo detalhado dessa fase do pensamento de Nietzsche e também para obter detalhes sobre a vida do filósofo, indicamos a obra de Rosa Maria Dias (*Nietzsche Educador*, Rio de Janeiro: Scipione, 1991).
(83) 3322.3222



2. A educação como um processo para tornar-se o que se é

Iniciemos a análise partindo da obra *Ecce Homo*. Detenhamo-nos no seu subtítulo: “como tornar-se aquilo que se é”. O termo provém de uma máxima do poeta grego Píndaro e originariamente poderia ser traduzido por: “tendo aprendido o que você é, torne como você é”.³ Nietzsche estabelece modificações ao sentido que essa sentença tinha em Píndaro. Com diversas mudanças, o termo aparece em vários momentos da obra nietzschiana.⁴ O entendimento do sentido que o filósofo outorga a essa sentença é primordial, inclusive por esta trazer diversas conotações e significados. Conforme Larrosa (2009), o termo associa-se a concepção de “singularidade”, que podemos compreender como sinônimo de: “ser tu mesmo”, “si próprio”, “único”, “idêntico a si mesmo”, os quais aparecem em diversos momentos da obra nietzschiana, sendo similares à expressão *tornar-se o que se é*.

O verbo *ser* pode remeter a uma instância estática que estaria presente no ser humano e no mundo; pareceria haver um objetivo, um fim a ser atingido, entretanto, conforme esclarece Rocha: “longe de conduzir a uma identidade, esse processo se abre para a diferenciação: tornar-se quem se é sinônimo de transformar-se, inventar-se, diferir de si mesmo, reinventar-se [...]. O ‘conhece-te a ti mesmo’ dá lugar a um ‘inventa-te a ti mesmo’.”⁵ A sentença alude ao devir, não ao *ser* ou a uma identidade, remete àquilo que passa não ao que permanece. A concepção educativa que emerge dessa interpretação visa à transformação, a mudança permanente do ser humano.

A transformação remete ao vir a ser, parte de uma perspectiva de que não há nada de estável no homem e no mundo, por isso não se “forma” o ser humano, como é a pretensão de algumas tendências educativas tradicionais, isto seria um engessamento baseado em verdades estáticas. *Tornar-se o que se é* consiste em educar-se na perspectiva da transformação constante, na desconstrução de valores considerados eternos em vista do estabelecimento de avaliações que emergem da força mais singular de cada um. Rocha afirma que: “o ensinamento central de Nietzsche é que as coisas só podem ser ensinadas na experiência; é

³ Dias, Rosa Maria. *Nietzsche: vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 98.

⁴ Rosa Dias comenta sobre a aparição do termo nas obras de Nietzsche, que ocorrera pela primeira vez em um texto sobre Teógnis, depois na *Terceira extemporânea*; nos aforismos 263 de *Humano, demasiado humano* e 270 e 335 de *A gaia ciência*; nas seções *O convalescente*, *A sanguessuga* e *O sacrifício do mel* em *Assim falou Zarathustra*, essa sentença retorna também. Está presente em cartas do filósofo aos seus amigos e sob diversificadas formulações aparece no decorrer de suas obras (Cf. 2011, p. 99).

⁵ ROCHA, Sílvia Pimenta Veloso. *Torna-se quem se é: educação como formação, educação como transformação*. In: Charles Feitosa; Miguel Angel de Barrenechea; Paulo Pinheiro (orgs.). *Nietzsche e os gregos: arte, memória e educação*. Assim Falou Nietzsche V. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj: Unirio; Brasília, DF: Capes, 2006, p. 272.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

somente superando-se que se atinge o que se é.”⁶ A educação para tornar-se o que se é, não busca o *ser*, mas o *poder ser*. Em outras palavras, atija o *nosso* leque de possibilidades, nos mostra a contínua criação do que é próprio, a nossa capacidade de fazer e refazer o nosso caminho.

Ao relacionar o termo tornar-se *o que se é* da filosofia nietzschiana e a expressão “conhece-te a ti mesmo”, atribuída a Sócrates, Barrenechea comenta que “o pensador ateniense frisa a necessidade de conhecer *algo já dado*: a interioridade e a essência humana. Nós já teríamos um repertório fixo de possibilidades.”⁷ A concepção socrática que, segundo Nietzsche, prevalece na educação e cultura ocidentais, remete a uma perspectiva de educação enquanto formação, “a pedagogia nietzschiana diz outra coisa, ao retomar a frase de Píndaro. Não devemos auscultar algo prévio. O verbo chegar a ser implica um trânsito, um percurso, um devir: não há nada fixo em nós.”⁸ Ser singular remete necessariamente à máxima afirmação de si e do mundo, pois conforme comenta Dias – “nada tem a ver com o saber, o poder e a vontade como atributos de um sujeito que sabe o que quer; é, ao contrário, um desprender-se de si, uma coragem para lançar-se no sentido do proibido, uma travessia [...]”⁹ Tornar-se o que se é, na ótica nietzschiana, não consiste em afirmar um sujeito indentitário, mas aponta para a constante superação, para uma permanente invenção de si mesmo.

No prólogo de *Ecce Homo*, após afirmar que o *Zaratustra*¹⁰ ocupa lugar à parte entre os seus escritos, Nietzsche faz questão de caracterizar o personagem principal supracitado como alguém que diverge de todos os pregadores. “Nele não fala um ‘profeta’, um desses espantosos híbridos de carência e de vontade de potência denominados fundadores de religiões.”¹¹ Zaratustra é um “mestre”, mas não quer dominar, controlar rebanhos, destituir almas de seus “próprios seres” para seguirem a um guia espiritual, ele “não só fala de outro modo, mas é outro modo.”¹² A atitude educativa do personagem central do livro está baseada em sugerir a atenção e cuidado do homem pelo seu “ser próprio”, oriundo das forças viscerais que entram em embate o tempo todo no seu próprio corpo.

⁶ Ibidem.

⁷ BARRENECHEA, Miguel Angel de. *O questionamento radical da pedagogia moderna: Nietzsche e a proposta de uma transformação fundamental*. In: GOUVEA, G. et al. (Org). Escritos sobre Educação. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006, p. 132.

⁸ Ibidem, p. 132-133.

⁹ DIAS, R. 2011, p. 130.

¹⁰ Trata-se do livro *Assim Falou Zaratustra* publicado em 1883 que integra a terceira fase da Filosofia de Nietzsche.

¹¹ NIETZSCHE, F. *Ecce homo: como alguém se torna o que se é*. Tradução de Antônio Carlos Braga. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal-São Paulo: Ed. Escala, 2006, prólogo.

¹² Ibidem.
(83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Em *Ecce homo*, o filósofo retoma a sua crítica a conceitos transcendentais dos quais ele afirma não ter se ocupado durante a vida: “‘Deus’, ‘imortalidade da alma’, ‘salvação’, ‘além’ são outros tantos conceitos aos quais não dediquei nenhuma atenção, tampouco nenhum tempo [...]”¹³ A preocupação do pensador é com as coisas concretas que estiveram fadadas ao desprezo na tradição do pensar, como, por exemplo, *a questão da alimentação*, “muito mais que qualquer curiosidade de teólogos, depende a ‘salvação’ da humanidade: o problema da alimentação [...]. Como hás de alimentar-te precisamente tu, para chegar a teu máximo de força, de vigor [...]”¹⁴ A questão fisiológica da alimentação é tratada como mais valiosa, como mais importante para uma vida forte, enquanto ele não leva em conta os conceitos transcendentais. Esses conceitos ideais distanciam o homem do seu corpo, que significa distanciá-lo de si mesmo, uma vez que “precisa escolher seu regime alimentar, descobrir aquele que é adequado às necessidades de seu organismo, sempre procurando compreender seu corpo e o que convém a ele.”¹⁵ O filósofo, além da alimentação, considera *a escolha do clima, do lugar e do divertimento apropriado* como elementos “essenciais” da vida.¹⁶ A dieta, a diversão, o clima, o lugar, todas essas são escolhas “concretas”, vitais, que contêm um significado mais efetivo para o ser humano. Questões como a alimentação, o dormir bem, o lugar em que se vive, são indicativos para a vida que devem ser contemplados pela educação. Tais questões, historicamente fadadas ao desprezo são, para Nietzsche, fundamentais para se assumir a vida afirmativamente.

Em *Ecce homo*, no oitavo parágrafo do capítulo intitulado, *Por que sou tão inteligente*, Nietzsche analisa como se pode chegar à resposta à pergunta: *como tornar-se o que se é?* Considera que para ser o que se é não se deve duvidar minimamente daquilo que se é. Logo, ser o que se é remete à superação do que se é, não à manutenção de algo supostamente já dado. Tal princípio de conservação está associado ao “conhece-te a ti mesmo” socrático, perspectiva que remete a uma visão estática do ser humano e aponta para algo que deve ser buscado, trata-se da procura por uma essência fixa no homem. Nietzsche denomina que esta seria “uma receita para se perder, então o esquecimento de si, o equívoco sobre si [...] a mediocrização de si se tornam a própria razão.”¹⁷ Em termos educacionais, a perspectiva socrática remete a consagração de um comportamento individual e socialmente esperado, já a visão nietzschiana aponta para o devir, para a autoconstrução, por isso, *ser o que se é* alude a

¹³ Ibidem, Por que sou tão inteligente, § 1.

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ DIAS, R. 2011, p. 121.

¹⁶ Cf. *Ecce Homo*, Por que sou tão inteligente, § 3.

¹⁷ *Ecce Homo*, op. cit., § 8.
(83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

um processo sempre inacabado. *Conhece-te a ti mesmo* impulsiona à consignação de objetivos, a metas a serem atingidas e Nietzsche indica que ele mesmo dispensara tal atitude: “‘Querer’ alguma coisa, ‘aspirar’ por algo, ter uma ‘meta’, um ‘desejo’ em vista – nada disso conheço por experiência.”¹⁸ Com essas afirmações, o filósofo destaca a sua forma de expressar a grandeza humana, “o amor ao destino”. Não se trata de uma invenção de fórmulas que justificam a existência do homem na terra, mas propõe assumir a fatalidade da existência: “Minha fórmula para a grandeza do homem é o *amor fati*: que ninguém queira nada de diferente nem no passado nem no futuro nem por toda a eternidade [...]”¹⁹ Com essa proposição, Nietzsche ratifica aquilo que havia sido afirmado no *Zaratustra* sobre o eterno retorno: o valor de se adotar uma atitude extremamente afirmativa que diz sim a todas as circunstâncias da existência.

Em *Por que escrevo livros tão bons*, outro subtítulo do livro em análise, o filósofo admite que *nascera póstumo*, voltado para o futuro. O seu próprio tempo ainda não era capaz de compreender e assumir a sua doutrina da afirmação plena da vida: “dia virá em que vai se sentir a necessidade de instituições nas quais se viva e se ensine como entendo que é preciso viver e ensinar; talvez se criem cátedras especiais para a interpretação do *Zaratustra*.”²⁰ Nietzsche admite que o ensinamento da singularidade presente em *Zaratustra* pode ser um destino, orientando aos homens do porvir para uma vida de efetiva valorização do devir do mundo. Ao dizer sim, inclusive ao que parece doloroso e contraditório, o filósofo se apresenta como o primeiro que institui uma sabedoria trágica, dionisíaca.²¹ Contudo, ele admite que talvez Heráclito tivesse sido um prenúncio dessa filosofia:

[...] ao dizer sim à contradição e a guerra, o devir, com uma recusa radical do próprio conceito de “ser” – nisso tenho de reconhecer, em qualquer circunstância, o que está mais próximo de mim dentre o que até agora se tem pensado. A doutrina do “eterno retorno”, ou seja, o ciclo incondicional, infinitamente repetido, de todas as coisas – essa doutrina de *Zaratustra* poderia, em definitivo, já ter sido ensinada por Heráclito.²²

Heráclito, assim como *Zaratustra*, é afirmador das contradições do mundo, não admite que se deva viver para equilibrar as tensões inerentes ao existir. Para ele a natureza é por si mesma

¹⁸ Ibidem.

¹⁹ Ibidem, op. cit. § 10.

²⁰ *Ecce Homo*, Por que escrevo livros tão bons, § 1.

²¹ Em *O nascimento da tragédia*, Nietzsche estabelece a diferença entre o apolíneo e o dionisíaco. O apolíneo seria o princípio de individuação, um processo de criação que se realiza como uma experiência da medida e consciência de si. Os lemas de Apolo são “conhece-te a ti mesmo” e “nada em demasia”. O dionisíaco significa o abandono dos preceitos apolíneos da medida e da consciência de si. Em vez de medida, calma, tranquilidade, o que se manifesta é a desmesura. (Cf. MACHADO, R., 1995, Introdução, p. 7-8).

²² *Ecce Homo*, *O nascimento da Tragédia*, § 3.
(83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

embate, guerra, *jogo de forças* e o homem educado nesta doutrina deve aprender a adotar uma atitude trágica, isto é, assumindo a vida em sua totalidade.

A alusão a Heráclito e toda a argumentação que Nietzsche elabora em torno da expressão, *tornar-se o que se é*, indicam que a sua Filosofia remete a uma perspectiva do devir, de uma realidade que está em constante mutação, na qual a “mundo” e o próprio ser humano também fazem parte deste jogo. Dentro deste aspecto, compreendemos que o filósofo crítica todas as teorias que tentam enquadrar o ser humano e a própria vida dentro de determinados conceitos estáticos. *Tornar-se o que se é* remete a querer ser sempre mais, a ir além, a não estar restrito a doutrinas que são socialmente impostas, sem que tenhamos a devida consciência sobre as nossas próprias capacidades de potencializar a vida.

DISCUSSÃO

O livro *Ecce Homo* de 1888 é a última obra publicada por Nietzsche, compondo a terceira fase de sua filosofia. O seu subtítulo traz a afirmação: *como alguém se torna o que é*. Numa análise desavisada sobre a expressão, pode-se remeter a uma tentativa de buscar no ser humano pontos fixos, verdades absolutas, essências que funcionam como substrato nos seres e possibilitam a sua existência. A essas o homem deve perseguir para alcançar ou se aproximar de uma suposta perfeição durante a vida, sendo este ideal, aquele que a educação deve sustentar. Esta compreensão está subjacente ao verbo *é* comumente associado no campo da filosofia, desde Parmênides, com a substância fundamental nos seres. No caso de Nietzsche, ele retoma esta frase do pensamento grego Antigo e estabelece um novo significado. *Ser o que se é* está no campo da transformação, da mudança, do devir. Como discípulo de Heráclito, o filósofo não concebe o ser humano nem a natureza como forças estanques, mas estas estão em perene movimento e este é o fluxo inevitável da existência.

A análise prospectiva sobre a vida que Nietzsche elabora a partir da expressão *tornar-se o que se é* que sustentamos como base para extrair do seu pensamento uma concepção educativa, que naquele momento de sua filosofia, criticava várias das bases teóricas que sustentam a vida ocidental. Essas bases geraram compreensões que acabaram distanciando o ser humano daquilo que em tese, seria impossível ocorrer, da sua própria vida. *Tornar-se o que se é*, é uma forma de apontar a singularidade de cada ser humano, para o que é mais próprio em cada um de nós e por isso, contém um aspecto educativo. Visa repensar toda uma forma de estar no mundo a partir da qual modelos impostos de fora nos foram apresentados como aqueles que deveriam ser absorvidos e ensinados. O que Nietzsche propõe é que todo saber deve ter por suporte primordial o perguntar sobre



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

si mesmo e a partir daí abrir espaço para a relação com o outro e com o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação para Nietzsche deve existir para instigar o ser humano a alcançar o grau mais elevado que alguém pode atingir que é *tornar-se si mesmo*. Este é um desafio tremendo para modelos pedagógicos milenares que quase sempre tiveram como meta, educar o homem tendo como função um movimento para fora. Isto é, para aprender as regras éticas e morais; para viver em sociedade; para apreender o *ethos* que predomina em um determinado tempo; para suprir as necessidades mercadológicas e econômicas; para ensinar a viver em sociedade (...), mas em geral, a formação não pergunta pelo indivíduo singular, pelo ser humano único que em algum momento surgiu no mundo e que tem poucas chances dentro do esquema da educação formal de perguntar e problematizar sobre si mesmo.

Tornar-se o que se é não se trata como dissemos, de chegar a um ponto definitivo sobre o que seja o homem, mas assumir a vida como algo em fluxo, um trânsito, como uma força que se transforma sempre. A humanidade como parte integrante da natureza, faz parte desse jogo criativo que é indiferente as nossas escolhas, ele apenas acontece. Neste contexto, quaisquer modelos educativos que privilegiam a formação humana tomando como meta alguma redução estática aos comportamentos e modos de pensar, estão traindo o próprio porvir que move a vida. Neste contexto interpretativo, é possível aventar uma escola que valorize a existência como um dever, considerando que o saber, os indivíduos e o próprio universo são potências em constante transformação.

Nietzsche com a afirmação de que devemos nos tornar *aquilo que se é*, está indicando o perigo de sermos dominados por forças externas a nós, controladoras de nossa autonomia e liberdade, do perigo de cada ser humano não ser capaz de traçar e trilhar o seu próprio destino. *Tornar-se o que se é*, é não se contentar com aquilo que se é, mas buscar ser mais, ir além de si mesmo, buscar sempre e constantemente a superação, não é um destino fixo, mas um caminho.

REFERÊNCIAS

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



BARRENECHEA, Miguel Angel de. *O questionamento radical da pedagogia moderna: Nietzsche e a proposta de uma transformação fundamental*. In: GOUVEA, G. et al. (Org). *Escritos sobre Educação*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006, p. 125-136.

DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche Educador*, Rio de Janeiro: Scipione, 1991.

_____. *Nietzsche: vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FREZZATTI JÚNIOR, Wilson Antônio. *A fisiologia de Nietzsche: a superação da dualidade cultura/biologia*. Ijuí-Rio grande do Sul. Ed. Unijuí, 2006.

LARROSA, Jorge. *Nietzsche & a educação*, Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MARTON, Scarlett. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

NIETZSCHE, Friedrich. David Strauss: el confesional y el escritor. In: *Consideraciones intempestivas*. Madri: Aguilar, 1932.

_____. *Além do bem e do mal, prelúdio de uma filosofia do futuro*. 2ª ed. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

_____. *Sobre os nossos estabelecimentos de ensino*. São Paulo: Ed. Loyola, 2003.

_____. *Ecce homo: como alguém se torna o que se é*. Tradução de Antônio Carlos Braga. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal-São Paulo: Ed. Escala, 2006.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

_____. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mario da Silva. 18 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

PEIXOTO, Enock da Silva. *Nietzsche, uma perspectiva sobre a educação em Assim falou Zaratustra*. Dissertação de Mestrado em Educação- Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro- UNIRIO, 2013.

ROCHA, Sílvia. P. V. *Torna-se quem se é: educação como formação, educação como transformação*. In: FEITOSA, Charles; BARRENECHEA, Miguel Angel de; PINHEIRO, Paulo (Orgs.). *Nietzsche e os gregos: arte, memória e educação*. Assim Falou Nietzsche V. Rio de Janeiro: DP&A, Faperj, Unirio; Brasília, DF: Capes, 2006.

VIEIRA, Samantha Aparecida Moura Martins. *A perspectiva Nietzscheana sobre a criação de valores na educação*. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.